

cescontexto

O Drama dos/as Refugiados/as na Europa

Organização

Carlos Nolasco

Elsa Lechner

Nº 18

Setembro, 2017

Debates

www.ces.uc.pt/cescontexto



Propriedade e Edição/Property and Edition

Centro de Estudos Sociais/Centre for Social Studies

Laboratório Associado/Associate Laboratory

Universidade de Coimbra/University of Coimbra

www.ces.uc.pt

Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087

3000-995 Coimbra - Portugal

E-mail: cescontexto@ces.uc.pt

Tel: +351 239 855573 Fax: +351 239 855589

Comissão Editorial/Editorial Board

Coordenação Geral/General Coordination: Sílvia Portugal

Coordenação Debates/Debates Collection Coordination: Ana Raquel Matos

ISSN 2192-908X

Índice

Carlos Nolasco e Elsa Lechner

Introdução: o drama dos/as refugiados/as na Europa – estágio “Ciência Viva” 2

Gaia Giuliani

The Mediterranean of the refugees: For a reading of colonial implications in spatial imagination..... 8

Olga Solovova

Ideologias em marcha: fotografias a documentar a viagem de refugiados/as..... 19

Edgard Raoul Neto

Última saída..... 29

Ana Perpétuo

“Dare to Care” 48

Ângela Marques

Muros da Vergonha/Fences of Shame 54

Cristiana Antunes

Abusos de poder e quotidiano nos campos de refugiados/as 58

Rita Santos

Reflexão Pessoal 62

Pedro Costa Marques

Drama dos/as refugiados/as na Europa. Acordo entre a União Europeia e a Turquia 65

Joana Sousa Ribeiro

“O CES vai à Escola” e Refugiados/as: quando o saber ocupa lugar 69

“O CES vai à Escola” e Refugiados/as: quando o saber ocupa lugar

Joana Sousa Ribeiro,³ Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra
joanasribeiro@ces.uc.pt

Resumo: Este texto procura reflectir sobre a experiência da atividade de extensão “O CES vai à Escola”, uma iniciativa desenvolvida por alguns investigadores/as do Centro de Estudos Sociais (CES), em parceria com o programa Ciência Viva. Concretamente, tendo como referência a sessão intitulada “A Crise dos Refugiados na Europa e as Mobilidades Transnacionais”, pretende-se realçar a necessidade de desenvolver, no âmbito das actividades escolares, um tempo de reflexão e de informação crítica sobre acontecimentos que permeiam as sociedades actuais, neste caso as designadas “migrações forçadas”.

Defende-se, assim, a promoção de espaços-temporais que fomentem o pensamento crítico e a interação entre a comunidade escolar e a comunidade científica, de modo a potenciar a co-formação para o (inter)reconhecimento, para o diálogo intercultural, para a paz e para os direitos fundamentais.

Palavras-chave: ciência, educação, refugiados/as, pensamento crítico, cidadãos/ãs.

“Por que é que os refugiados têm direito a uma casa?”; “Por que é que eles não vão para os países Árabes?”; “Como começou a guerra na Síria?”: eis algumas perguntas com que alunos/as do 3º ciclo do ensino secundário interpelaram investigadores/as do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES-UC)⁴ que, no âmbito da iniciativa “O CES vai à Escola”,⁵ dinamizaram uma sessão intitulada: “A Crise dos Refugiados na Europa e as Mobilidades Transnacionais”.

A capacidade de questionar e de refletir sobre uma “*época líquida*” (Bauman, 2007) permite configurar um agente de socialização e de educação formal, como a Escola, enquanto promotor de uma consciência crítica.

³ Investigadora do Centro de Estudos Sociais e doutoranda em Sociologia, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Co-coordena um grupo de pesquisa da rede internacional IMISCOE (International Migration, Integration and Social Cohesion) sobre a mobilidade de jovens adultos e a crise económica. Em conjunto com investigadores/as na área das Ciências Sociais e Humanidades, criou um fórum de debate sobre refugiados e migrações (RMIR). Os seus interesses de investigação centram-se em questões relacionadas com a mobilidade socioprofissional de migrantes, políticas de selecção e de inclusão de migrantes, estudos longitudinais, estudos interculturais e cidadania.

⁴ Concretamente, os/as investigadores/as Carlos Nolasco, Elsa Lechner, Joana de Sousa Ribeiro e Olga Solovova,

⁵ Uma iniciativa do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES – UC), cuja primeira edição ocorreu, a título experimental, no ano letivo de 2010/2011, tendo como proponentes Ana Raquel Matos, Hugo Dias, Pedro Araújo, Sara Araújo e Susana Costa. Neste momento, fazem parte da Comissão Organizadora os/as investigadores/as Bruno Sena Martins, Miguel Cardina e Susana Costa.

O projeto “O CES vai à Escola” procura, de novembro a junho de cada ano letivo, contribuir para a divulgação do conhecimento produzido em diferentes áreas das Ciências Sociais e das Humanidades, partilhando resultados do trabalho de investigação e promovendo um debate crítico com alunos/as de vários ciclos de ensino (2º e 3º ciclos do ensino básico e secundário) (www.ces.uc.pt/extensao/cesvaiescola).

A par de competências técnico-instrumentais e cognitivas que norteiam o desenvolvimento curricular de cada aluno/a, e que são avaliadas e aferidas periodicamente, o ensino e a aprendizagem, quaisquer que sejam os moldes que os suportam, procuram, na sua essência, a compreensão de avanços tecnológicos, de fórmulas matemáticas, de obras literárias; mas também a compreensão do *`mundo de vida`* (Lebenswelt), no sentido habermesiano do termo. Ao negligenciar-se esta dimensão em prol da explicação, limita-se a possibilidade de crianças e jovens desenvolverem o que pode ser considerado como sendo basilar na educação científica, a capacidade de questionar; tendo presente que “*vivemos um tempo de perguntas fortes e de respostas fracas*” (Santos, 2008).

Num tempo de incertezas (ontológicas, sociais, institucionais) e de pulverização de crises (económico-financeiras, sociais, políticas, culturais, humanitárias, epistemológicas), a Escola assume um papel privilegiado na inteligibilidade – leia-se mais do que explicação – de mudanças e transições sistémicas.

A deslocação de pessoas em fuga de zonas de conflito e/ou onde prolifera a violação de direitos fundamentais (as designadas “migrações forçadas”) assume contornos tais que deviam ser acionados mecanismos de resposta urgentes por parte de estruturas políticas e sociais e, portanto, também educativas.⁶ Estamos perante o maior movimento populacional da história (65.3 milhões, segundo dados do ACNUR, de junho de 2016), que convém (re)conhecer.

Ao contrário de outros fenómenos históricos, as migrações do século XXI podem ser testemunhadas, em tempo real e em simultâneo, através de redes sociais e pessoais, de meios de comunicação de massa e de mecanismos de controlo e de vigilância. Desse modo, não podemos desconhecer alguns fatos relatados no último relatório anual do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (UNHCR, 2016): uma em cada 113 pessoas no mundo é deslocada; mais de um milhão de pessoas fizeram-no por travessia marítima até à Europa; mais de metade da população deslocada é de nacionalidade Síria, Afegã ou Somali; a Turquia, o Paquistão e o Líbano estão entre os países que acolheram um maior número de pessoas deslocadas.

Através dos meios de comunicação, temos também conhecimento público de narrativas pessoais (“*Não vamos à procura de uma vida melhor. Vamos à procura de vida. Atrás de nós só há morte.*” (Expresso, 02/09/2015); de imagens que abalam a indiferença (por exemplo, a criança síria de 2 anos – Aylan Kurdi – naufragada numa praia da Turquia, requerentes de asilo que coseram os lábios em sinal de protesto no campo de detenção de Calais e na fronteira entre a Grécia e a Macedónia); de respostas Estatais produtoras de uma biopolítica do medo (através da construção de barreiras físicas ou da instrumentalização de mecanismos democráticos como o referendo). A fronteira (in)corpora-se, sendo o corpo apenas a visibilidade figurativa da morte, a materialização de silêncios (e silenciamentos), a hetero-representação de “regimes de verdade” (Foucault, 1977).

Será, pois, pelo desconhecimento que a proliferação de atitudes xenófobas e discriminatórias encontrará um campo de atuação nas gerações mais novas.

⁶ Nste âmbito, há que referir um programa de bolsas de estudo de emergência, a “Plataforma Global de Assistência Académica de Emergência a Estudantes Sírios”, uma iniciativa lançada em março de 2014, pelo ex-presidente da República, Dr. Jorge Sampaio.

Tendo presente este contexto, no ano letivo de 2015/ 2016, entre outras sessões planeadas,⁷ o projeto “ O CES vai à Escola” promoveu dezassete sessões sobre a temática “*A Crise dos Refugiados na Europa e as Mobilidades Transnacionais*”, abrangendo vários estabelecimentos de ensino público⁸ e envolvendo mais de 1.400 alunos/as. Com o objetivo geral de contribuir para a desconstrução de estereótipos e representações sociais e desmistificar estados coletivos de ansiedade, procurou-se, nomeadamente, problematizar as mobilidades internacionais como fenómenos sociais; concetualizar os movimentos migratórios e de refugiados/as; conhecer as trajetórias e os percursos biográficos dos refugiados/as; compreender a influência de discursos políticos xenófobos na legitimação de práticas de exclusão e de discriminação.

A visita de investigadores/as do CES, da área das migrações, a várias Escolas Secundárias, numa fase em que na Europa se discutia a imposição de quotas de realocação de 160 mil requerentes de asilo, revelou-se de grande acuidade, permitindo debater questões como: regimes de mobilidade e de cidadania, mecanismos de exclusão/inclusão, formas de solidariedade, relações inter-escalares de fenómenos internacionais, ações de intervenção humanitária e de garantia e defesa dos direitos humanos. A este último título, refira-se uma representação teatral de casos reais de violação dos direitos humanos (violação da integridade física e violação da liberdade de expressão), por parte de um grupo de alunos/as membros do núcleo dos direitos humanos. Assim, esta sessão em particular foi enriquecida com a participação direta dos/as alunos/as na identificação dos direitos humanos colocados em causa.

Nas sessões realizadas, observou-se como o encontro da comunidade escolar (envolvendo professores/as, auxiliares de ação educativa e alunos/as) com investigadores/as da área das migrações constitui um acontecimento singular no tempo linear das atividades escolares, configurando uma oportunidade de debate e de contextualização de alguns desafios com que se deparam as sociedades contemporâneas.

O debate com os alunos/as assumiu, não raras vezes, contornos dicotómicos – a favor ou contra a vinda dos/as refugiados/as –, o que, de certo modo, refletiu a forma como a questão foi inicialmente abordada por parte de um outro agente de socialização: os meios de comunicação social. Refira-se, a este título, a utilização, por parte de alguns *media*, de conceitos como “vagas” ou “fluxos” e de representações iconográficas de uma “massa humana” para referenciar as populações deslocadas, contribuindo, assim, para a sua desumanização (Buchanan *et al.*, 2003). A discussão em torno da veracidade (se se tratam de “verdadeiros refugiados” ou não) contribuiu também para um debate enviesado, o que configurou a necessidade – sentida por parte dos/as investigadores/as que realizaram as sessões – de problematização de conceitos utilizados nos estudos migratórios (como sejam migrantes económicos, requerentes de asilo, refugiados/as) e de esclarecimento quanto ao enquadramento jurídico do regime de proteção internacional. De certo modo, procurou-se colmatar a exclusão simbólica da auto-representação dos/as refugiados/as – enquanto sujeitos de enunciação do seu discurso – com a apresentação de histórias de vida de refugiados/as e de outros contextos históricos de deslocamento de populações.

⁷ Compreendendo temas tão diversos, como sejam, economias solidárias; igualdade entre homens e mulheres; orçamento participativo; racismo; tráfico de seres humanos; juventude, precariedade e desemprego.

⁸ Localizados em diferentes cidades do país, tais como, Abrantes, Águeda, Caldas da Rainha, Cantanhede, Coimbra, Matosinhos, Oliveira do Bairro, Penacova, Penela, Peniche, Pombal, Pombal e S. João da Madeira.

Da experiência desses encontros, subjaz a urgência de promover formação em áreas como educação para a cidadania, educação para o diálogo intercultural e alteridade, educação com os *media*⁹ e educação para a paz e direitos fundamentais. No fundo, uma educação para o (inter)reconhecimento. Desse modo, criam-se condições para o desenvolvimento de um “conhecimento-emancipação” em detrimento do “conhecimento-regulação”, possível através de um exercício de permanente diálogo e reciprocidade (entre)culturas, de um “trabalho de tradução” entre saberes, sob forma de uma “hermenêutica diatópica” (Santos, 2006).

O projeto “O CES vai à Escola”, que se desenvolve desde junho de 2014 em parceria com o programa Ciência Viva,¹⁰ contribui para o reconhecimento da importância das Ciências Sociais e das Humanidades na promoção e desenvolvimento do conhecimento científico. A sua divulgação pode representar uma oportunidade no desenvolvimento de respostas societárias mais inclusivas, se considerarmos que o papel público da Ciência não se esgota, por si só, na produção de indicadores científicos e tecnológicos. Uma análise crítica da realidade, dos processos de exclusão e de desigualdade que a própria produção do conhecimento científico comporta, deve constituir um imperativo na formação de crianças e jovens. Nesse âmbito, as Ciências Sociais e as Humanidades desempenham uma importante função, o desenvolvimento de uma cidadania crítica.

A análise do fenómeno migratório (compreendendo contextos, agentes, estruturas de oportunidade, enquadramento internacional e legislativo, mudanças históricas) representa, a este nível, uma oportunidade para a mobilização de um público mais jovem sobre democracia, justiça redistributiva, confiança na diferença. Constitui, assim, um tema não só de grande potencialidade heurística, mas também de importância fundamental para o desenvolvimento de uma ciência – e de cidadãos/ãs – comprometida.

Poderemos viver Juntos?, interpela-nos o sociólogo Alain Touraine (Touraine, 1997). Vinte anos depois, subsiste a necessidade de interrogar e de refletir sobre a capacidade coletiva de viver em conjunto, num espaço (trans)nacional cada vez mais marcado por múltiplas desigualdades associadas a uma globalização hegemónica e, simultaneamente, pelo fechamento nacionalista induzido e pelo fechamento nacionalista induzido por discursos populistas.

Como pode a Escola – uma das instituições do Estado-Nação – responder a esse desafio, será uma questão a considerar. As perguntas formuladas pelos alunos/ as podem, sem dúvida, ser um princípio. Criar um tempo para um debate crítico onde prevalece o intercâmbio entre Ciência (incluindo as Ciências Sociais e as Humanidades) e Educação constitui – espera-se – um contributo.

⁹ No sentido da promoção não só de determinados níveis de literacia mediática e digital, mas também no envolvimento de crianças e jovens enquanto sujeitos ativos nos processos comunicativos. Esta dimensão cívico-política da comunicação compreende não só um conjunto de competências e conhecimentos que permitem uma análise crítica dos *media* mas também o seu uso expressivo como espaço público de intervenção (Pinto *et al.*, 2011).

¹⁰ Unidade do Ministério da Ciência e Tecnologia, criada em 1996 (Despacho nº 6/ MCT/ 96), com o intuito de apoiar “ações dirigidas para a promoção da educação científica e tecnológica na sociedade portuguesa, com especial ênfase nas camadas mais jovens e na população escolar dos ensinos básico e secundário”. Em 1998, foi constituída a Associação Ciência Viva - Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica (ANCCT) (DR nº 265/ 98, de 5 de Novembro) (<http://www.cienciaviva.pt/home/>).

Referências bibliográficas

- Bauman, Zygmunt (2007), *Liquid Times: Living in an Age of Uncertainty*. Cambridge: Polity.
- Buchan, Sara; Grillo, Bethan; Threadgold, Terry (2003), “*What’s the Story? Results from research into media coverage of refugees and asylum seekers in the UK*”. Londres: Article XIX Disponível em <https://www.article19.org/data/files/pdfs/publications/refugees-what-s-the-story-.pdf>.
- Foucault, Michel (1977), *Discipline and Punish: The Birth of the Prison*. London: Allen Lane.
- Pinto, Manuel (coord.) (2011), *Educação para os Media em Portugal: experiências, actores e contextos*. Lisboa: Entidade Reguladora para a Comunicação Social.
- Santos, Boaventura de Sousa (2008), “A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, 11-43.
- Santos, Boaventura de Sousa (2006), *A Gramática do Tempo - para uma nova cultura política*. Porto: Edições Afrontamento.
- Touraine, Alain (1997). *Pourrons-nous vivre ensemble? Égaux et Différents*. Paris: Fayard.
- UNHCR (United Nations High Commissioner for Refugees) (2016), *Global Trends – Forced Displacement in 2015*. Geneva: UNHCR.



Centro de Estudos Sociais
Laboratório Associado
Universidade de Coimbra

A Cescontexto é uma publicação online de resultados de investigação e de eventos científicos realizados pelo Centro de Estudos Sociais (CES) ou em que o CES foi parceiro. A Cescontexto tem duas linhas de edição com orientações distintas: a linha "**Estudos**", que se destina à publicação de relatórios de investigação e a linha "**Debates**", orientada para a memória escrita de eventos.

CES

Colégio de S. Jerónimo
Apartado 3087
3001-401 Coimbra, Portugal
T. +351 239 855 570
F. +351 239 855 589
www.ces.uc.pt
ces@ces.uc.pt

CES - Lisboa

Picoas Plaza
Rua do Viriato, 13
Lj 117/118
1050-227 Lisboa, Portugal
T. +351 216 012 848
F. +351 216 012 847
www.ces.uc.pt/ces-lisboa
ceslx@ces.uc.pt

• U



C •

